

A OPERACIONALIDADE DOS VESTÍGIOS DOS NEUTROS LATINOS NO DISCURSO ESCRITO

Thiago Soares de Oliveira (UENF)
so.thiago@hotmail.com

RESUMO

Com o desaparecimento do gênero neutro, apenas alguns traços restaram no português moderno, dentre eles alguns pronomes demonstrativos, certos pronomes indefinidos, além dos adjetivos e dos infinitivos substantivados. A partir da discussão introdutória sobre a queda do neutro latino, este artigo objetiva evidenciar o pleno uso desses resquícios neutros, a partir da análise de frases retiradas do discurso de posse do primeiro mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2006), constantes na obra *Palavra de Presidente*, de João Bosco Bezerra Bonfim. Para isso, adota-se, inicialmente, a pesquisa bibliográfica como forma de construir a base teórica necessária à articulação da parte documental, isto é, a análise dos trechos do discurso presidencial, em que são apresentados gráficos e tabelas a fim de representar a quantificação e a categorização dos resquícios do gênero neutro latino no discurso. Ao fim, depreende-se que, apesar de restrito a poucas formas na língua portuguesa, o neutro se mostra funcional no discurso escrito. Embora o número de ocorrências dos traços do antigo gênero gramatical seja distinto, há, na maioria dos trechos analisados, um padrão de uso que pode ser identificado.

Palavras-chave: Letras clássicas. Gramática latina. Gênero neutro.

1. Introdução

Este artigo tenciona evidenciar, a partir da discussão sobre a queda do neutro latino, que os resquícios dessa categoria de gênero encontram-se em regular uso na língua portuguesa, motivo pelo qual foram selecionados alguns trechos do discurso de posse do primeiro mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, presentes na obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008), intitulada *Palavra de Presidente*.

A fim de cumprir o objetivo, divide-se este trabalho em duas partes: a primeira, reflexiva e histórica, composta das duas primeiras seções, constitui-se como a base teórica necessária à análise proposta; a segunda, analítica, trata da identificação do uso dos neutros no *corpus* selecionado. Nesse rumo, ampara-se, a princípio, na pesquisa bibliográfica que, não se esgota em si mesma, mas subsidia, com apoio na literatura especializada presente em artigos e obras de autores e estudiosos da língua latina e da língua portuguesa, a segunda parte do trabalho, consubstanciada na pesquisa documental, eis que a fonte de dados é um documento digital de re-

levância discursiva capaz de propiciar a construção de um trabalho analítico inédito, que se insere na seara das letras.

Justifica-se esta pesquisa na medida em que o conhecimento da língua latina, especialmente para os falantes e escritores dos idiomas dela derivados, fornece subsídios teóricos e histórico-analíticos de relevância para o entendimento de diversos mecanismos linguísticos, inclusive da língua portuguesa, o que, com efeito, é valoroso para os indivíduos que pretendem aprofundar os conhecimentos sobre o léxico da língua nacional. Por isso, este artigo mostra-se relevante acadêmica e socialmente.

Por fim, é preciso salientar que não se tenciona exaurir o assunto acerca do estudo do gênero neutro da língua latina, tampouco sobre o uso dos pronomes demonstrativos aqui pesquisados, mas fornecer um contributo teórico aos interessados pela ampla seara em que se encaixam as letras, evidenciando, com supedâneo na obra de autores tais como Napoleão Mendes de Almeida (1992, 2005), Irlandé Costa Antunes (2005), Marcos Bagno (2007), Evanildo Bechara (2009), Zélia de Almeida Cardoso (2003), Ataliba Teixeira de Castilho (2014), Ernesto Faria (1958) e Paulo Juarez Rueda Strogenski (1997) que o latim continua marcado na língua portuguesa e essas marcas são de uso regular.

2. Breves considerações sobre o fim do gênero neutro

No latim, há três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro, que "quer dizer 'nem um nem outro', isto é, nem o masculino nem o feminino" (ALMEIDA, 1992, p. 26). O neutro era utilizado para designar seres inanimados aos quais não se poderia atribuir nem o sexo masculino nem o feminino. Como a relação entre gênero gramatical, ou seja, "a indicação do gênero real ou suposto dos seres" (ALMEIDA, 2005, p. 98), e o ser inanimado nem sempre era de fácil suposição, o neutro tendeu à queda.

Na verdade, a identificação dessa categoria de gênero, juntamente com a de número e a de caso, é indicada simultaneamente "por uma única e mesma forma nominal" (FARIA, 1958, p. 57), relacionada ao sistema latino de flexão nominal. Esse vocábulo, a depender da terminação, designa, concomitantemente, o gênero (feminino, masculino ou neutro), o número (singular ou plural) e o caso, representativo da função sintática exercida pelo termo, o qual declina segundo a sua desinência. Em latim, há seis casos que, resumidamente, representam as seguintes funções: su-

jeito (nominativo), objeto direto (acusativo), objeto indireto (dativo), vocativo (vocativo), adjunto adnominal restritivo (genitivo) e ablativo (complemento circunstancial).

Uma vez que há cinco declinações latinas, isto é, cinco formas de organizar os nomes conforme o caso desempenhado na oração, em tese, o conhecimento da flexão casual deveria resolver a questão do gênero. Isso, contudo, não ocorre, visto que o gênero natural nem sempre corresponde ao gênero gramatical. Por isso, afirma Ernesto Faria (1958) que

Muitos substantivos que designam objetos e seres inanimados pertencem ao gênero masculino ou feminino: *mensa* "mesa", *pirus* "pereira", *manus* "mão", *memoria* "memória" etc. são femininos; enquanto que *pes* "pé", *rius* "regato", *ager* "campo", *mensis* "mês" etc. são masculinos. A forma da palavra também não é bastante para determinar o gênero gramatical de um vocábulo. *Lupus*, *pirus* e *uirus* "veneno", todos da mesma forma e pertencentes à mesma declinação, à segunda, são, entretanto, de gêneros diferentes: *lupus* é masculino, *pirus*, feminino, e *uirus*, neutro. O gênero gramatical é uma simples relação que une o substantivo ao adjetivo que a ele se refere, sendo, pois, a concordância deste adjetivo que determina com precisão e clareza o gênero gramatical do substantivo. Assim, sabemos que os substantivos *lupus*, *pes*, *rius*, *ager*, *mensis* etc. são masculinos porque só podem vir acompanhados de uma forma masculina de adjetivo: *bonus lupus*, *bonus pes*, *bonus rius*, *bonus ager*, *bonus mensis*; *pirus*, *mensa*, *manus*, *memoria* e mais *nurus* "nora" e *origo* "origem" são femininos porque só podem vir acompanhados de uma forma feminina de adjetivo: *bona pirus*, *bona mensa*, *bona manus*, *bona memoria*, *bona nurus*, *bona origo*. Assim, os substantivos *uirus*, *templum*, *bellum*, *calcar* são neutros porque só podem vir acompanhados de uma forma neutra de adjetivo: *malum uirus*, *bonum templum*, *pessimum bellum*, *paruum calcar*. (FARIA, 1958, p. 57-58)

Dessa forma, percebe-se que a simples verificação da desinência não resolve a questão do gênero do substantivo, embora colabore para o reconhecimento da declinação a que pertence o nome latino. Como não há artigos em latim, em tese, a determinação do gênero deveria se dar pela aposição de outro determinante declinável. Isso não ocorre, contudo, eis que, por ser uma língua sintética, determinantes como numerais e pronomes adjetivos só são expressos quando de fato necessários. Logo, segundo afirma Ernesto Faria (1958), é a concordância do adjetivo com o substantivo que precisa e claramente determina o gênero do substantivo.

Segundo Marcos Bagno (2007, p. 30), a distinção que supostamente regia o indo-europeu, com o tempo, "logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária", posicionamento também acolhido por Zélia de Almeida Cardoso (2003). Aliás, em consonância aos

pensamentos de Marcos Bagno (2007) e Zélia de Almeida Cardoso (2003), afirma Ernesto Faria (1958), de forma esclarecedora, que

A causa determinante da diferenciação dos gêneros na antiga língua indo-europeia não foi, em absoluto, a diferenciação dos sexos, mas a oposição entre os seres animados e os seres inanimados ou coisas. Assim, a primitiva divisão dos gêneros seria esta: os substantivos que designavam seres vivos, bem como os adjetivos ou pronomes que a eles se referissem, pertenciam ao gênero animado, enquanto que os substantivos que designassem coisas, ou os adjetivos ou pronomes que a eles se referissem, pertenciam ao gênero inanimado. Deste modo, o gênero animado compreendia sem distinção o masculino e o feminino, enquanto que o inanimado, o neutro. (FARIA, 1958, p. 63)

Essa confusão relativa ao gênero só confirma que, na verdade, o gênero gramatical é suposto, ou "fictício", nas palavras de Napoleão Mendes de Almeida (2012). Como o latim não pôde aplicar a todos os nomes de coisas o gênero neutro, o seu desaparecimento nas línguas neolatinas foi uma consequência bastante natural. Nesse contexto, Evanildo Bechara (2009) registra que

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição do gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a lua é feminino e, para eles, masculino *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e espanhóis: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.). (BECHARA, 2009, p. 133)

Com a substituição do gênero natural pelo gênero gramatical, houve um "processo de esvaziamento semântico da noção de gênero" (JESUS, 2007, p. 2008), que levou ao desaparecimento do neutro, que já tendia a ser eliminado desde a época mais arcaica, visto que "a distinção dos gêneros animado e inanimado, isto é, do masculino-feminino e do neutro, não tinha uma estabilidade precisa" Ernesto Faria (1958, p. 65) e sua aplicação era ilógica, conforme Zélia de Almeida Cardoso (2003). Dentre os fatores que podem ter condicionado o desaparecimento do neutro, Marcos Bagno (2007) pontua:

Os nomes que compunham a 1ª declinação, cujo terminação se dava em *-a*, eram quase todos femininos, não havendo nomes neutros, motivo pelo qual essa terminação passou a designar os nomes femininos em português;

Os nomes que compunham a segunda declinação eram, em sua maioria, masculinos e neutros. Logo, a terminação em *-o* (acusativo singular *-um* > *-u* > *-o*) acabou por se tornar a característica dos nomes masculinos; os neutros, por sua vez, devido à semelhança de sua desinência com os nomes masculinos, também passaram a esse gênero, como em *templum* > *templu* > *templo*.

Quando no plural, em razão da terminação *-a*, houve confusões com o gênero feminino. Portanto, as palavras neutras plurais do latim passaram a femininas singulares no português, como em *ova* (neutro plural) – *ova* (feminino singular); *folia* (neutro plural) – *folha* (feminino singular); *lignea* (neutro plural) – *lenha* (feminino singular);

Como havia alguns nomes neutros na 3ª declinação, estes passaram para a 2ª, assumindo, em consequência, o gênero masculino.

Diante disso, o gênero neutro deixou de existir como categoria gramatical na língua portuguesa, ressaltados alguns vestígios, tais como os pronomes demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* e *o*; os pronomes indefinidos *tudo*, *nada*, *algo*; os adjetivos substantivados e os infinitivos substantivados (BAGNO, 2007; SANTOS SOBRINHO, 2013). De qualquer forma, esses resquícios têm marcação, funcionalidade e aplicabilidade direcionada no discurso, sendo possível notar muitas vezes especificidades em seu uso, especialmente no discurso de posse do 1º mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, o que se tenciona analisar no próximo tópico.

3. Os neutros no discurso de posse: o caso dos pronomes demonstrativos e indefinidos

Autores como Napoleão Mendes de Almeida (2005), Marcos Bagno (2007), Zélia de Almeida Cardoso (2003), José Antônio Costa e Celda Morgado Choupina (2012), José Amarante Santos Sobrinho (2013) e José Pereira da Silva (2010) apontam quatro demonstrativos que refletem a carga do gênero neutro latino, extinto na língua portuguesa como gênero gramatical: *isto*, *isso*, *aquilo* e *o*. São citados também os indefinidos *tudo*, *algo* e *nada*, bem como os adjetivos e infinitivos substantivados. Todos esses resquícios existentes no português, por não guardarem relação nem com o masculino nem com o feminino, aproximam-se do que restou do chamado *neutrum genus*, ou seja, o gênero neutro latino.

Considerando que o discurso presidencial foi dividido em 64 seções, totalizando 3.926 palavras, é importante observar inicialmente que, para fins deste trabalho, não foi analisada a Parte 1 da obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008, p. 406), referente à "saudação aos presentes, iniciando pelos chefes de estado estrangeiros, passando pelas autoridades, até as pessoas comuns", constituída de 79 vocábulos, por se tratar apenas da utilização de vocativos, o que não corresponde ao propósito de análise aqui definido. Logo, foram analisadas, na verdade, 3847 palavras do discurso presidencial, separando-se os neutros por categorias assim

definidas: pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos, adjetivos substantivados e infinitivos substantivados. Para bem ilustrar o quantitativo total de neutros utilizados no discurso do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, a partir da obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008), vide a Gráfico 1:

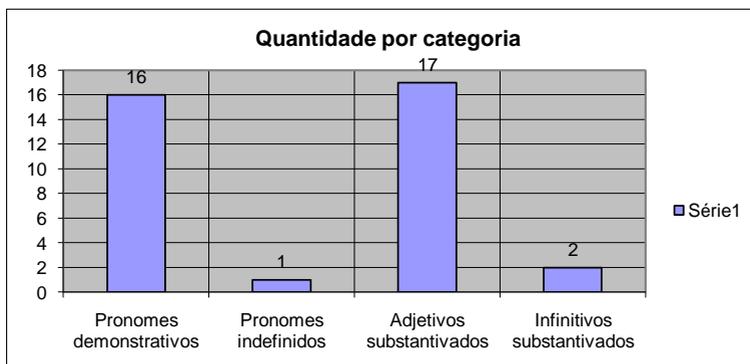


Gráfico 1 - Quantidade por categoria

Como se pode observar, a quantidade por categoria de neutros empregados pelo ex-governante em seu discurso de posse é bem discrepante, com preponderância ampla do uso dos pronomes demonstrativos (16 ocorrências) e adjetivos substantivados (17 ocorrências) em relação ao uso de pronomes indefinidos (1 ocorrência) e infinitivos substantivados (2 ocorrências), totalizando 37 ocorrências de resquícius do gênero neutro, as quais não foram percentualmente quantificadas em relação ao total de palavras, já que o número de ocorrências de neutros em meio a mais de 3 mil palavras representa valor inferior a 1%, o que já era esperado em um discurso, visto que a língua em uso se vale das diversas categorias gramaticais conforme a necessidade daquele que a maneja.

Quanto aos pronomes demonstrativos neutros, há algumas possibilidades que justificam o uso intenso dessa classe gramatical em detrimento das demais sob análise. A princípio, sabe-se que, em geral, esses pronomes constituem uma classe de ampla utilidade, indicando, entre as inúmeras funções, "a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso" (BECHARA, 2009, p. 167), podendo ser utilizados para "lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar", sendo que os neutros *isso*, *isto* e *aquilo* são formas sempre invariáveis (CUNHA & CINTRA, 2012, p. 342). Observando o discurso do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, nota-se que, em grande parte dos

usos que incluem demonstrativos neutros, são acionados mecanismos de foricidade.

Segundo Ataliba Teixeira de Castilho (2014, p. 125), os limites entre a dêixis e a foricidade tornaram-se pouco nítidos", motivo pelo qual serão apresentados apenas os conceitos necessários à observação e à análise dos gráficos, evitando-se, assim, o desvio do objetivo proposto. De qualquer forma, é preciso ressaltar que este trabalho, quanto à questão da foricidade, baseia-se em Ataliba Teixeira Castilho (2014), que a entende como "a operação desencadeada, sobretudo, por itens lexicais que trazem de novo à consideração noções já identificadas anteriormente (anáfora), ou a serem veiculadas posteriormente (catáfora) no texto". Consoante o autor, a palavra foricidade "deriva do grego *phóreo* ("trazer", "conduzir"), cuja contraparte latina é *fero*, de onde derivou *forcitas*" (*Ibid.*, p. 125). Prova do apagamento do limite entre a dêixis e a foricidade é que Evanildo Bechara (2009, p. 162) sublinha que "a dêixis será anafórica se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou catafórica, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso", não mencionando a questão fórica.

No discurso presidencial, as retomadas a ideias já expostas são eventos bastante marcados como elementos da coesão, "pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática" (ANTUNES, 2005, p. 47). Do total de demonstrativos neutros, as ocorrências ficaram distribuídas durante o discurso conforme a Tabela 1, abaixo:

| Demonstrativos neutros | Ocorrências |
|------------------------|-------------|
| ISTO | 0 |
| ISSO | 8 |
| AQUILO | 0 |
| O | 8 |

Tabela 1 - Ocorrências de demonstrativos neutros

Conforme consta na Tabela 1, não houve ocorrência dos demonstrativos *isto* e *aquilo*, mas apenas *isso* e *o*, provavelmente em razão da necessidade de constante retomada de ideias já expostas como forma de estabelecer uma unidade tanto no nível do sentido como no da combinação, ou seja, uma unidade semântico-sintática. Trata-se, portanto, de estratégias coesivas de economia linguística na medida em que o ex-presidente não precisa repetir ideias e pressupostos já mencionados, bastando a referência para que o discurso se faça inteligível. De acordo com Mariangela Rios de Oliveira (2013, p. 193), "a coesão pode se defi-

nida como o conjunto de estratégias de sequencialização responsável pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto".

Nesse sentido, quando o presidente se refere a um contexto anterior utilizando o demonstrativo neutro *isso*, acaba por relacionar os constituintes textuais com outros constituintes do texto a partir de um mecanismo de endofórica que recebe o nome de anáfora, ou seja, "a remissão ocorre por precedência" (*Ibid.*, p. 196). A propósito do assunto, vale lembrar que a retomada ao que foi dito anteriormente, por meio do pronome indeclinável *isso*, é justamente uma manifestação do neutro latino, já que não há referência ao gênero masculino nem ao feminino. Aliás, como bem aponta Ernesto Faria (1958, p. 59), são do gênero neutro "as palavras indeclináveis, infinitivos verbais, e termos e frases usados como se fossem substantivos".

A utilização do pronome demonstrativo *isso*, representado no latim pelo neutro *istud* no nominativo e no acusativo, encontra respaldo em Adrien Cart, Pierre Grimal, Jacques Lamaison e Roger Noiville (1986) e Zélia de Almeida Cardoso (2003) como anafórico, juntamente com *esse* e *essa* para referências ao masculino e ao feminino respectivamente. Orlando Fonseca e Domingos de Vilhena Morais (1942, p. 71) pontuam que *iste*, *ista*, *istud* "pertencem à 2ª pessoa, equivalendo a *teu*", mas podendo ser traduzido como *este*, *esta*, *isto* e *esse*, *essa*, *isso*. É, então, a partir da referência endofórica anafórica que o demonstrativo neutro *isso* desponta extremamente útil ao discurso, eis que os "procedimentos anafóricos garantem a unidade temática dos textos ao promoverem a manutenção dos sentidos referidos" (OLIVEIRA, 2013, p. 196). Assim, o neutro *isso* aparece de três formas distintas, conforme a Tabela 2.

Da tabela abaixo, depreende-se a recorrência do demonstrativo neutro *isso* formando as expressões "para isso" e "por tudo isso", ambas de caráter anafórico, à exceção da ocorrência da seção 5 da obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008). Nesse caso, ao que parece, foi utilizado um procedimento anafórico em vez de catafórico haja vista a intencionalidade de referir-se ao que foi dito posteriormente, introduzindo um pensamento. Ocorre, contudo, que "a coesão não apenas estabelece os nexos que ligam as subpartes do texto, com também sinaliza, marca onde estão esses nexos e quais os pontos que eles articulam" (ANTUNES, 2005, p. 164), por isso o desenvolvimento do encadeamento textual ficaria mais bem estruturado se assim estivesse organizado: Foi para *isto* que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar.

| Demonstrativo neutro | Forma de ocorrência | Excertos do discurso presidencial |
|----------------------|---------------------|---|
| ISSO | PARA ISSO | 5. "Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar" (p. 406) |
| | | 17. "Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada" (p. 408) |
| | | 27. "Estamos em um momento particularmente propício para isso" (p. 410) |
| | | 41. "Para isso é essencial uma ação decidida de revitalização do Mercosul, enfraquecido pelas crises de cada um de seus membros e por visões muitas vezes" (p. 413) |
| | | 59. "E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer" (p. 416) |
| | ISSO | 13. "Isso não pode continuar assim" (p. 408) |
| | | 19. "Faremos isso sem afetar de modo algum as terras que produzem [...]" (p. 409) |
| | POR TUDO ISSO | 29. "Por tudo isso, acredito no pacto social" (p. 411) |

Tabela 2 - Tipos de ocorrências do demonstrativo neutro *isso*

Com relação à expressão "por tudo isso", há, presumivelmente uma dupla intencionalidade discursiva graças ao uso vinculado dos neutros *isso* e *tudo*, razão pela qual a expressão em análise foi quantificada em duplicidade, ou seja, marcou-se a recorrência tanto como demonstrativo quanto como indefinido. Aliás, não se pode conceber que são semanticamente equivalentes as expressões "por isso" e "por tudo isso", ainda que ambas pareçam concomitantemente resumir e retomar um pensamento ou dizer anterior. Na verdade, o indefinido *tudo* é marca clara de uma finalidade também resumitiva, tendo "valor adjetivo nas combinações *tudo isto, tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais* e semelhantes" (CUNHA & CINTRA, 2012, p. 372). Tem-se, logo, uma expressão de retomada semanticamente reforçada: "por tudo isso".

Nessa linha de raciocínio, é relevante mencionar que, no discurso presidencial analisado, ocorreram, nas seções 15, 16, 55 e 57, quatro expressões do tipo "por isso", que não foram contabilizadas e quantificadas em razão da fixidez dessa construção. Nesse sentido, Evanildo Bechara (2009) explica que algumas expressões tais como "isto é", "por isso" e "isto de" nem sempre se regulam pelas normas gramaticais gerais. Na verdade, os usos de "por isso" são notadamente conclusivos, classificando o termo como conjunção coordenativa conclusiva. Eis os trechos não quantificados do discurso presidencial contido na obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008):

15. "Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de 'Fome Zero'" (p. 408): percebe-se, nesse caso, que a intencionalidade conclusiva permite a substituição de "por isso" por "portanto", conector de conclusão lógica em relação ao período anterior;
16. "É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso País" (p. 408): caso que parece a retomada de um pensamento devido à presença da expressão expletiva "é que", a qual, retirada, permite compreender o período como: Por isso, hoje conclamo;
55. "Por isso, inicio este mandato com a firme decisão de colocar o Governo Federal em parceria com os Estados a serviço de uma política de segurança pública muito mais vigorosa e eficiente" (p. 415): caso análogo ao da seção 15;
57. "O Brasil pode dar muito a si mesmo e ao mundo. Por isso devemos exigir muito de nós mesmos" (p. 415): caso análogo às seções 15 e 55. Contudo, a ausência da vírgula após o termo em análise causa confusão.

Dessa forma, a delimitação dos neutros neste trabalho não se pauta pela simples identificação dos termos, mas em respeito aos ditames normativos e de cunho semântico. Apesar disso, é evidente que os casos excluídos da quantificação são demasiado intrigantes, visto que, conquanto a expressão "por isso" seja gramaticalmente travada, a semântica da retomada é existente em concomitância com a noção de conclusão, diferentemente do que ocorre com o termo "isso", representativo de duas ocorrências no discurso do ex-presidente, especificamente nas seções 13 e 19, conforme Tabela 2. Em ambos o excertos retirados da obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008), há clara retomada anafórica, caso de endófora, em que o referente se situa no texto precedendo o item com o qual se relaciona. (OLIVEIRA, 2013)

Relativamente ao demonstrativo neutro *o*, este sempre aparece seguido de uma oração relativa, ou seja, subordinada adjetiva. São oito ocorrências semelhantes em que se tem a seguinte estrutura, apontada por Napoleão Mendes de Almeida (2005): *o* (pronome demonstrativo neutro) + *que* (pronome relativo). Eis os excertos da obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008), com a respectiva paginação:

10. "Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe *o que* é sofrer, mas sabe também *o que* é alegria, que confia em si mesmo em suas próprias forças" (p. 407);
12. "No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter *o que* comer" (p. 408);
16. "[...] de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do

clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender *o que* é mais sagrado: a dignidade humana [...] (p. 408);

57. "[...] ouvir *o que* diz o seu coração[...]" (p. 415);

58. "[...] que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou *no que* estava fazendo, que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação [...]" (p. 416);

62. "O que nós estamos vivendo hoje neste momento [...]" (p. 416).

Como se nota, as funções sintáticas do demonstrativo neutro *o* alternam entre objeto direto e predicativo, já que essa forma neutra é tradicionalmente "empregada em substituição a uma oração subordinada objetiva direta ou a um predicativo" (AZEREDO, 2013, p. 178). Nesse sentido, afirma Luiz Antonio Sacconi (2001, p. 208) que "podemos afirmar didaticamente que o artigo *o* (e variações), quando desacompanhado de substantivo, transforma-se automaticamente em pronome demonstrativo". A capacidade demonstrativa do *o* também é assinalada em Carlos Henrique da Rocha Lima (2011) pelo critério da equivalência entre tal vocábulo e outros demonstrativos. Eis, então, mais uma manifestação vestigiosa do neutro latino na língua portuguesa.

Nessa linha de pensamento, Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2012) explicam que emprego do demonstrativo neutro *o* ocorre nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de *aquele(s)*, *aquelas(s)*, *aquilo*; b) quando, no singular masculino, equivale a *isto*, *isso*, *aquilo*, e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo, ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela. (CUNHA & CINTRA, 2012, p. 355)

Resumindo as ocorrências dos demonstrativos neutros em números percentuais, veja-se abaixo o Gráfico 2.

O gráfico abaixo demonstra que a soma do número de ocorrências das estruturas *para isso*, *isso* e *por tudo isso* é igual ao total de ocorrências de "o que". Note-se, nesse contexto, que todas as estruturas apontadas no Gráfico 2 contêm elementos de coesão, inclusive a expressão mais recorrente. Contudo, enquanto *o que* acompanhante do neutro *o* é, no caso em tela, um coesivo sequencial, os demais despontam como elementos de referência. O fato é que "o demonstrativo neutro pode retomar toda uma sentença". (CASTILHO, 2014, p. 476)

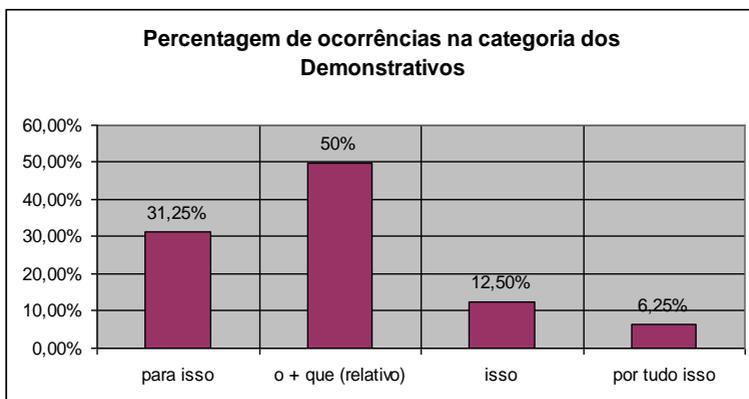


Gráfico 2 - Percentagem de ocorrências na categoria dos demonstrativos neutros

4. O caso dos adjetivos e infinitivos substantivados

Além dos demonstrativos e dos indefinidos, ocorrem 17 casos de adjetivos substantivados e apenas 2 de infinitivos substantivados a partir do que se denomina de nominalização, ou seja, "a transformação de determinadas classes em substantivos e em adjetivos" (CASTILHO, 2014, p. 457), conforme Tabela 3:

| Categoria substantivada | Excertos do discurso presidencial |
|-------------------------|--|
| ADJETIVO | 3. "o próximo" (p. 406) |
| | 4. "dos mais jovens" (p. 406) |
| | 15. "os brasileiros" (p. 408) |
| | 16. "o imperativo ético" (p. 408) |
| | 19. "dos brasileiros do campo" (p. 409). |
| | 21. "os brasileiros e brasileiras" (p. 409) |
| | 27. "os trabalhadores" (p. 410) |
| | 28. "milhões de brasileiros e brasileiras" (p. 410) |
| | 32. "milhões e muitos milhões de brasileiros e brasileiras" (p. 411) |
| | 37. "dos encantados" (p. 412) |
| | 53. "o novo" (p. 415) |
| | 54. "do cotidiano" (p. 415) |
| | 60. "dos mais pobres" (p. 416) |
| 61. "ao novo" (p. 416) | |
| INFINITIVO | 10. "um povo que sabe o que é sofrer" (p. 407) |
| | 19. "o nascer do sol" (p. 409) |

Tabela 3 - Adjetivos e infinitivos substantivados

Em relação aos adjetivos, percebe-se que, em geral, as nominalizações funcionaram como mecanismo de generalização em que o termo que sucede o determinante, normalmente o artigo, é "tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe)" (BECHARA, 2009, p. 145). Nos trechos retirados do discurso de posse do segundo mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, constantes na obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008), é possível notar o emprego dos adjetivos substantivados como se originalmente substantivos fossem, sem que haja referência expressa a nomes.

Conquanto existam, além dos artigos, outros determinantes em língua portuguesa como os pronomes adjetivos e os numerais adjetivos (AZEREDO, 2013; BECHARA, 2009; CASTILHO, 2014), a nominalização de adjetivos, nos excertos do discurso analisado, ocorre sobretudo pela utilização do artigo definido, consoante o Gráfico 4, que segue:

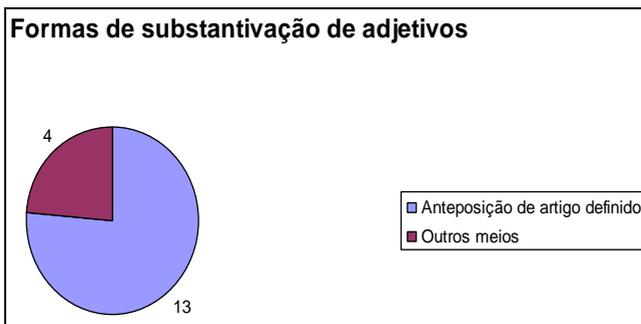


Gráfico 4 - Formas de substantivação de adjetivos

Das 17 ocorrências de adjetivos substantivados, 13 foram nominalizados por meio da anteposição do artigo definido, o que demonstra a rentabilidade dessa categoria gramatical em relação aos demais determinantes da língua portuguesa. Note-se, além disso, que a carga do extinto neutro latino é bastante forte nesse processo em que adjetivos e infinitivos mudam de classe gramatical, em razão da própria generalização que decorre da nominalização. Como não há referência aos gêneros masculino e feminino, assenta-se a característica precípua do neutro.

Em outras palavras, essa não referência a nem um nem outro sexo ocorre porque, diante do processo de nominalização, os itens lexicais "passam a exibir características semelhantes às daqueles itens que são definidos como membros da categoria dos nomes" (STROGENSKI, 1997,

p. 5). Por isso, normalmente a nominalização é considerada um procedimento complexo, até porque envolve a correlação entre funções sintáticas e textuais dos termos substantivados e os significados que deles emanam. Todavia, nas seções 28 e 32, que apresentam trechos substantivados, não há, como se evidencia, a presença de artigos antes dos nomes, mas a dos numerais que, de forma análoga, nominalizam os termos.

Quanto aos infinitivos, assim como os participios e gerúndios, são chamados de formas nominais, "porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar a função de nomes" (BECHARA, 2009, p. 224). Nesse rumo, o trecho "um povo que sabe o que é sofrer", da seção 10, em que figura o neutro *o* como antecedente do relativo *que*, o vocábulo *sofrer* aparece substantivado. O que se tem, na verdade, é *o* (= aquilo) como sujeito do verbo *é*, sendo *sofrer* um infinitivo em função predicativa. A oração equivalente seria: *Aquilo é sofrer*". Como o infinitivo pode exercer também a função de predicativo, típica do substantivo, entende-se a palavra *sofrer*, no contexto em que ocorre, como substantivo, ou melhor, infinitivo substantivado.

De modo distinto, o exemplo contido na seção 19, "o nascer do sol", é bastante claro, eis que o artigo é um forte nominalizador. Segundo Paulo Juarez Rueda Strogenski (1997, p. 7), "devemos aceitar que existe uma 'mobilidade lexical' que permite que uma mesma palavra possa estar em mais de uma classe gramatical, assumindo os traços próprios de cada uma delas". Por isso, o autor citado prefere aceitar que

exista uma 'função de substantivo' e não uma classe o que quer dizer que embora possam existir palavras que são sempre substantivos, a noção de função de substantivo é mais abrangente, pois é capaz de abarcar todos aqueles itens que estejam desempenhando essa função. (STROGENSKI, 1997, p. 7-8)

De mais a mais, os infinitivos e os adjetivos substantivados aparecem como resquício do neutro, porque, "em latim, era comum a desinência neutra assumir um papel de qualificativo, se substantivada, por exemplo, *pulchrum* (o belo). Este fato perdurou até a atualidade, pois utiliza-se a forma *belo* de maneira neutra, assim como ocorria com os adjetivos substantivados no latim" (PIRES & MONARETTO, 2012, p. 169). Isso demonstra que, de certa forma, o latim continua vivo em suas línguas derivadas, como o é a língua portuguesa.

5. Conclusão

Este breve trabalho que se propôs, a partir de trechos do discurso

de posse do primeiro mandado do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, contido na obra de João Bosco Bezerra Bonfim (2008), a analisar o uso dos resquícios dos neutros latinos, obviamente, não exauriu as possibilidades interpretativas em relação a tais usos, motivo pelo qual novas abordagens serão sempre necessários à compreensão de como o Latim ainda sobrevive na língua materna. Os gráficos e tabelas, contudo, puderam fornecer alguns pontos importantes a respeito do manejo do que sobrou dos neutros latinos.

Relativamente ao uso dos pronomes demonstrativos e dos indefinidos, evidenciou-se, no discurso do ex-presidente, que estes ocorreram com pouca frequência, mas sempre utilizados com valor reforçativo e resumitivo; aqueles, no entanto, fartamente recorrentes, despontam como elementos coesivos endofóricos anafóricos de ampla utilidade no discurso, uma vez que há uma forte tendência a retomadas no discurso analisado. O número ínfimo de ocorrências de catafóricos demonstra uma opção no desenvolvimento do encadeamento textual, bastando verificar a seção 5, em que se utiliza *isso* em vez de *isto*. O demonstrativo neutro *o*, por sua vez, aparece acompanhado do relativo *que*, o qual se comporta com alternância de função sintática. Por figurar como antecedente de um relativo em todas as ocorrências, não se referindo aos gêneros masculino ou feminino, o *o* demonstra boa capacidade neutra como demonstrativo.

Quanto aos adjetivos e infinitivos substantivados, percebeu-se um grande uso em processos de generalização, o que, de certa forma, remete ao neutro latino. Nominalizadas, essas categorias revelam que a função do termo na frase é assaz relevante para indicar se o elemento porta ou não características de substantivado. Assim, a análise do contexto de uso, em que um adjetivo ou infinitivo pode ser nominalizado, aponta para necessidade de um exame semântico do uso, demonstrando que a sintaxe não resolve todas as questões, ainda que no nível da frase. No que concerne ao processo de nominalização, este trabalho aponta para a rentabilidade do artigo definido *o* em comparação aos demais determinantes da língua portuguesa, quais sejam os numerais e os pronomes.

Diante de tais considerações, a percepção geral no que toca ao uso dos neutros no discurso de posse analisado é a de que, apesar de o gênero neutro não ser uma categoria gramatical plena na língua portuguesa, os resquícios, os sinais, os resíduos, que se materializam em certos pronomes demonstrativos, alguns pronomes indefinidos e no uso de adjetivos e infinitivos substantivados, são plenamente funcionais no discurso escrito, demonstrando uma padrão de ocorrência e de rentabilidade de uns sobre

outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*: curso único e completo. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ANTUNES, Irané Costa. *Lutar com as palavras*: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

BAGNO, Marcos. *Gramática histórica*: do latim ao português brasileiro. Brasília: UNB, 2007. Disponível em: <www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100>. Acesso em: 05-08-2015.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONFIM, João Bosco Bezerra. *Palavra de presidente*: os discursos presidenciais de posse, de Deodoro a Lula. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/91988>>. Acesso em: 05-08-2015.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CART, Adrien; GRIMAL, Pierre; LAMAISSON, Jacques; NOIVILLE, Roger. *Gramática latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T. A. Queiroz/Universidade de São Paulo, 1986.

COSTA, José Antônio; CHOUPINA, Celda Morgado. A história e as histórias do gênero em português: percursos diacrônicos, sincrônicos e pedagógicos. *EXEDRA Revista Científica da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto*, número atemático, dezembro de 2012. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/06-numero-tematico-2012.pdf>>. Acesso em:

06-08-2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FONSECA, Orlando; MORAES, Domingos de Vilhena. *Língua latina: gramática*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942.

JESUS, Sérgio Nunes de. Contextualização histórica do léxico da língua latina: A constituição linguística e suas variantes formais. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 2070-2087. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_1_linguisticos/097.pdf>. Acesso em: 09-08-2015.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Linguística textual. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: 2013, p. 192-204.

PIRES, Caroline de Castro; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. O que aconteceu com o gênero neutro latino? Mudança da estrutura morfo-sintática do sistema flexional nominal durante a dialeção do latim ao português atual. *Revista Mundo Antigo*, ano I, vol. 01, n. 02, dez./2012. Disponível em: <<http://www.nehmaat.uff.br/revista/2012-2/artigo09-2012-2.pdf>>. Acesso em: 10-08-2015.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 27. ed. São Paulo: Atual, 2001.

SANTOS SOBRINHO, José Amarante. *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção*. 2013. Tese (Doutorado Língua e Cultura). – Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2013/28001010078p1/tes.pdf>>. Acesso em: 11-08-2015.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ingráfica, 2010.

STROGENSKI, Paulo Juarez Rueda. *Nominalização: algumas conside-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

rações teóricas. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em:

<<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24403/d%20-%20strogenski.%20paulo%20juarez%20rueda.pdf;jsessionid=a7da9289f5f4ef5c000c06fa63d672b0?sequence=1>>. Acesso em: 14-08-2015.